

Aprobada en la 1039ª sesión

ALADI/CR/Acta 1036
(Extraordinaria)
Horas: 9:00 a 10:15
23 de abril de 2009

ACTA DE LA 1036ª SESIÓN EXTRAORDINARIA
DEL COMITÉ DE REPRESENTANTES

Orden del día

1. Exposición de la señora Alicia Bárcena Ibarra, Secretaría Ejecutiva de la Comisión Económica para América Latina (CEPAL), sobre las acciones que ha emprendido la CEPAL para enfrentar la crisis económica internacional.
 2. Exposición del señor Armando Mariante, Vicepresidente del Banco Nacional de Desarrollo Económico y Social, sobre el papel y las perspectivas del BNDES para el proceso de integración regional latinoamericano.
-

Preside:

REGIS PERCY ARSLANIAN

Asisten: Juan Carlos Olima, Guillermo Daniel Raimondi, Federico Villegas (Argentina); Regis Percy Arslanian, José Humberto de Brito Cruz, Liliam Beatrís Chagas de Moura, José Gilberto Scandiucci (Brasil); Eduardo Araya Alemparte, Hernán Enrique Nuñez Montenegro (Chile); Claudia Turbay Quintero, Cielo González Villa (Colombia); Marielena Ruíz Capote, Mirna Martínez Ajuria (Cuba); Edmundo Vera Manzo, Vladimir Jarrín (Ecuador); Cassio Vitale Manuel Luiselli Fernández, Dora Rodríguez Romero, Ricardo Lozada Caballero (México); Emilio Lorenzo Giménez Franco, Octavio Ferreira Gini, Roberto Pauly Fernández (Paraguay); Jorge Antonio Rosado La Torre, Ricardo B. Romero Magni (Perú); Gonzalo Rodríguez Gigena, Linda Rabbaglietti, Raquel María Rodríguez Sanguinetti (Uruguay); Luisa López Moreno, Cecilio Crespo (Venezuela); Michel Coquoz (Suiza); Pascual Gerstenfeld (CEPAL)

Secretario General: B. Hugo Saguier-Caballero.

Subsecretario: Oscar Quina Truffa.

PRESIDENTE. Muy buenos días. Quería dar las bienvenidas a la Secretaria Ejecutiva de CEPAL y al Vicepresidente del BNDES.

Lo que hacemos aquí en ALADI es integración, en una Casa de la Integración, todo lo que hacemos es por la integración y por los objetivos que tenemos aquí. El objetivo final es la integración entre los países latinoamericanos, la unión y la aproximación mayor entre nosotros, por lo tanto tener aquí a la Secretaria Ejecutiva de CEPAL, la señora Alicia Bárcena y al Vicepresidente del BNDES, Armando Mariante, que son dos grandes actores y figuras prominentes para la integración latinoamericana, justamente, es un gran honor para nosotros y los recibimos con mucho orgullo.

Quería decir rápidamente algunas palabras sobre el papel que ellos tienen para la integración. La señora Alicia Bárcena Ibarra que es la Secretaria Ejecutiva de CEPAL, que siempre fue una fuente inspiradora para la integración y para el desarrollo de América Latina, y vino a exponernos cómo CEPAL está emprendiendo acciones para enfrentar la crisis económica internacional y cómo esas acciones revierten para mitigar el impacto que esa crisis económica internacional tiene sobre nuestra región.

El doctor Armando Mariante vino para hablarnos sobre el papel y las perspectivas del Banco Nacional de Desarrollo Económico y Social del Brasil para el proceso de integración regional latinoamericano y para decirnos cómo el Convenio de Pagos y Créditos Recíprocos que fue uno de los dos temas objeto de discusión ayer en el Seminario, en el importante Seminario, como es importante también para la integración latinoamericana, que el doctor Armando Mariante, vino a la instalación de la Oficina del BNDES en Montevideo, justamente con esta perspectiva de integración latinoamericana.

Entonces, no quiero hablar más e informar que por cuestiones logísticas de los dos invitados que se van a presentar aquí hoy, vamos a invertir el orden de las exposiciones y voy a solicitar que comience el doctor Armando Mariante, haciendo su presentación, muchas gracias.

2. Exposición del señor Armando Mariante, Vicepresidente del Banco Nacional de Desarrollo Económico y Social, sobre el papel y las perspectivas del BNDES para el proceso de integración regional latinoamericano.

BANCO NACIONAL DE DESARROLLO ECONÓMICO Y SOCIAL DEL BRASIL
(Armando Mariante). Eu queria agradecer muitíssimo a presença de todos. Queria cumprimentar o Secretário-Geral, queria cumprimentar o Presidente de nosso Comitê, meu amigo Embaixador Régis, cumprimentar a Secretária-Executiva da CEPAL, Alicia Bárcena.

É um prazer muito grande estar, eu diria, debutando na ALADI. É a primeira vez que venho a este importante fórum de debates de criação intelectual, de contribuição para o desenvolvimento de nossos povos irmãos.

Eu considero que este é um momento, particularmente, oportuno, porque temos uma crise de grande proporções, de proporções que nós não seríamos capazes de prever há um ano, há muito pouco tempo, instalada em todo o mundo, e afetando, com muita perversidade, os países do hemisfério norte, as economias desenvolvidas, mas também afetando aqui, na América Latina.

Ontem, no nosso Seminário, eu ouvi várias vezes que tínhamos uma crise financeira. Na verdade, nós temos uma crise muito mais que financeira. Ela começa com uma crise financeira, mas rapidamente passa a ser uma crise econômica, e já está acontecendo isso; e como crise econômica ela passa a ser uma crise social também, e também já está acontecendo isso. Então não é simplesmente uma crise financeira, seria bom que fosse, mas não é. É uma crise muito mais grave, e nessa crise um dos pontos mais importantes que voltam ao debate intelectual é, justamente, a presença do Estado na economia.

A teoria do Estado mínimo, as críticas que, no nosso caso específico do BNDES recebíamos dentro e fora do Brasil por uma constatação, talvez equivocada ou exagerada, de que o Estado brasileiro estava presente demais na economia, estava influenciando demais os rumos da economia. Este debate, simplesmente, eu diria que não mais existe, porque a presença do Estado na economia tem se mostrado absolutamente vital para que os efeitos da crise se tornem um pouco minimizados.

É evidente que a crise não se extinguirá com ação do Estado, seria absurdo esperar isso, mas, de certa maneira, contribui para que a crise minimize os seus efeitos. Eu li há poucos dias que o Primeiro Ministro da Inglaterra, Gordon Brown, está aprovando a criação de um banco de desenvolvimento na Inglaterra, um banco estatal de desenvolvimento na Inglaterra. Eu não esperava ver isso, e nos meus dias de vida estou vendo. Um banco 100% estatal, com recurso do tesouro, com a finalidade de promover parcerias público-privadas com a finalidade de desenvolver pequenas e médias empresas e criar novos *new business*, novas áreas de negócios. O FED, Banco Central americano, todos sabem, tem suado a camisa para conseguir fazer o dinheiro chegar às empresas, porque ele liberou dinheiro para os bancos, e os bancos não passaram dinheiro para as empresas, porque o mundo tem, essencialmente, uma crise de crédito, uma crise de confiança, e nenhuma instituição está mais aparelhada para restituir confiança que um Estado nacional soberano. Essa é que é a verdade.

O PIB mundial hoje é de cerca de 60 trilhões de dólares. O comércio mundial, que se desenvolveu muito nos últimos anos, é de 23, ordem de grandeza, trilhões de dólares, e o crédito comercial que ampara o comércio é de cerca de 12 trilhões de dólares. Há dez anos, mais da metade desses 12 trilhões de dólares de financiamento ao comércio era de origem estatal, hoje não. Hoje dos 12 trilhões de dólares, nós temos algo como 2 trilhões de dólares que são de origem estatal. 10 trilhões de dólares são inteiramente privados e esses 10 trilhões de dólares, não digo que deixaram de existir, porque seria um exagero, mas eles diminuíram de tamanho, e isso afetou dramaticamente o comércio nacional. Há navios carregados de mercadorias que não conseguem deixar os portos asiáticos em direção aos Estados Unidos, porque não se fechou a carta de crédito, porque houve problemas de risco e percepções de risco mais elevadas, e os bancos estão fugindo do crédito e procurando aplicar o dinheiro, justamente, nos Estados soberanos. Quer dizer, o título mais precioso, hoje em dia, são títulos de dívida pública dos diversos Estados nacionais.

Então*, enfim, creio que esse é o momento bastante oportuno para mostrar um pouquinho o BNDES. Eu queria dividir a apresentação em duas etapas rápidas, para mostrar um pouquinho o que é o BNDES, quais são as restrições do BNDES e o que o BNDES consegue fazer, não só no Brasil, como na América Latina, e dizer um pouquinho da nossa percepção de quão importante é o CCR como ferramenta de trabalho, como ferramenta de integração. Nós temos essa clara convicção que temos na mão uma ferramenta potencialmente importantíssima que poderia se converter rapidamente no exemplo para o mundo da utilização do CCR.

O BNDES, como o próprio nome está dizendo, é um banco nacional de desenvolvimento, não é um banco regional nem internacional. Portanto, o BNDES tem uma restrição institucional, uma restrição, digamos, legal. O BNDES pode efetuar, conceder apoio a projetos que tenham alguma conexão, alguma interface com o Brasil. O BNDES tem 57 anos de idade, foi criado no governo do Presidente Getúlio Vargas. O BNDES tem o Estado brasileiro, através do tesouro nacional, como único acionista, 100% é uma empresa pública, 100% pertencente ao Estado brasileiro. Tem sido, ao longo dos seus 57 anos de idade, um instrumento chave para implementar a política de infra-estrutura e política industrial do país, e o Banco tem sido bastante bem sucedido nisso. É a principal fonte de crédito de longo prazo, quase a única no Brasil. Nos últimos anos, com a integração maior do Brasil com a economia internacional, houve linhas de créditos de longo prazo externas chegando ao Brasil, muitas vezes em complementaridade com o BNDES.

O BNDES também funciona como uma agência promotora de exportações. Nós somos essencialmente um banco de crédito de longo prazo, nós financiamos prazos que variam de cinco anos, para aquisição de máquinas e equipamentos, até 20 anos, em uma grande obra de infra-estrutura, como são as duas hidrelétricas que estão em início de construção no Rio Madeira, que é um afluente do Rio Amazonas, no Brasil. Mas, nós somos também, e isso é menos conhecido e é igualmente importante, um banco de participações acionárias, um banco que talvez tenha dado a maior contribuição individual para o desenvolvimento do mercado de capitais no Brasil que hoje é bastante robusto. Claro que diminuí e sofreu muito com a crise, porque a porta de entrada da crise são sempre as bolsas, e a bolsa brasileira, evidentemente, sofreu muito e o mercado de capitais em consequência, mas o BNDES foi um sustentáculo, tem sido um sustentáculo do mercado de capitais, através de participações acionárias, sempre minoritárias, em empresas dos mais diversos setores, dos mais diversos portes, das mais diversas características dentro do Brasil. O Banco

* Se anexa presentación en powerpoint

desenvolveu uma tecnologia bastante, diria, hoje, aprimorada, de participar direta ou indiretamente, através de fundos, no capital de empresas. E isso é muito bom porque de um lado o Banco entra com o crédito de longo prazo, que é barato, não é subsidiado, mas é barato, como um crédito de longo prazo tem que ser.

De outro lado, ele participa no capital e se beneficia do *up sight* da empresa, do lucro que a empresa consegue, e será, a partir, justamente, de um planejamento mais bem feito, baseado num crédito de longo prazo. A maior fonte de lucro do BNDES, o BNDES tem sido um banco extremamente lucrativo, não é o *spread* em cima da participação do crédito de longo prazo, nunca é. Os *spreads* são muito pequenos. A grande fonte de lucro do BNDES é, justamente, a participação acionária minoritária e a presença no *directorio*, como se chama aqui, no conselho de administração das empresas, contribuindo para estratégias de longo prazo, contribuindo para uma melhor governância e uma melhor gestão da empresa.

Nós somos pequenos fisicamente, nós temos apenas 2.000 funcionários, estamos fortemente concentrados no Rio de Janeiro, com um escritório em Brasília, um escritório em São Paulo, um escritório em Recife, e nunca atuamos, digamos, fisicamente, fora do Brasil. Com muito prazer que eu lhes comunico, provavelmente vocês já têm conhecimento disso, nós vamos inaugurar agora no final de maio, mais tardar no iníciozinho de junho, um escritório de representação em Montevidéu, um escritório de representação junto ao MERCOSUL, pequeno, mas para nós extremamente importante, extremamente simbólico, como atuação do banco fora do Brasil, como agente mais ativo de integração.

Nós, não raro ouvimos críticas no sentido de que o BNDES é um fator de assimetria no MERCOSUL e na América do Sul. Tudo o que nós não queremos ser é um fator de assimetria. Nós queremos ser um fator de integração, e nós temos feito um esforço muito grande para que sejamos um fator de integração, com as limitações de um banco nacional de desenvolvimento, como é o BNDES.

O BNDES cresceu muito nos últimos anos, nós temos hoje ativos totais de 120 bilhões de dólares, temos uma carteira de financiamento de 92 bilhões de dólares e um patrimônio de 12, já é mais que 12, já estão em 13 bilhões de dólares. O Banco cresceu muito, e hoje realmente o BNDES é um dos maiores bancos de desenvolvimento do mundo, talvez menor que o banco da China, o *China Development Bank*, e o Banco Europeu de Investimentos. Acho que são os dois maiores que o BNDES, o BNDES talvez seja o terceiro maior.

No ano passado, nós desenvolvemos uma curva de crescimento muito grande que, na verdade, acompanhou um pouco o desempenho da economia, - acompanhou e deu sustentáculo para o desempenho da economia brasileira nos últimos anos. O ano passado nós batemos todos os recordes históricos de desembolso, liberando quase 50 bilhões de dólares para financiamento a empresas. Desses 50 bilhões de dólares tem aí talvez uns 4 bilhões de dólares investidos em projetos de infra-estrutura na América Latina e em projetos de integração da América Latina.

Nós temos algumas prioridades absolutamente claras, projetos de infra-estrutura, projetos de energia, projetos ligados à inovação tecnológica, é claro que exportação de produtos brasileiros é uma das prioridades do Banco, e muito claramente, sobretudo a partir do início do Governo Lula, a contribuição para a integração da América Latina tem sido uma de nossas grandes prioridades. Tanto é que culminou com a decisão, da qual participou o próprio chefe de Estado brasileiro, de instalarmos um escritório de representação em Montevidéu, pela primeira vez na história do Banco. O apoio à integração se divide, na verdade, em duas ferramentas: uma, o apoio à chamada *inversión directa en el exterior*, é o

apoio a investimentos específicos, desde que alguma empresa brasileira esteja involucrada neste investimento, quer dizer, nós apoiamos aqui o seguinte: investimentos de empresas brasileiras em América Latina, investimentos de empresas latino-americanas, fora do Brasil, no Brasil. Nós apoiamos *joint ventures* de empresas brasileiras em empresas latino-americanas, quaisquer que sejam, tanto no Brasil como fora do Brasil e nós apoiamos o comércio exterior, nós apoiamos exportações.

Os investimentos passíveis de apoio são: construção ou ampliação ou modernização de unidades industriais, unidades de serviço, inclusive a formação de *joint ventures*, como havia mencionado.

Nesse aspecto, no financiamento ao comércio exterior o Banco nada mais faz do que o que é feito por outros organismos governamentais, como o "JB" no Japão, o Ernest, na Alemanha, enfim, é oferta de crédito a longo prazo para exportações de bens e serviços que apóiem projetos, sobretudo, de infra-estrutura. O que nos diferencia desses organismos é a nossa grande prioridade a projetos de integração dentro de América Latina e, particularmente, do MERCOSUL.

Nós financiamos equipamentos, outros produtos manufaturados que não sejam bens de capital, serviços de engenharia, que são extremamente importantes, fundamentais, para obras de infra-estrutura e grandes obras civis e serviços associados. Nós começamos a operar, ainda timidamente em 1990, quer dizer vamos completar no ano que vem 20 anos de operações de apoio ao comércio exterior.

As exportações de serviços que nós consideramos uma coisa nobre e que pode, digamos, fazer a diferença, pode ser responsável por um bom projeto de arquitetura e engenharia consultiva, serviços auxiliares, logística, a própria construção em si, gestão de projetos e muitas redes de softwares, que são importantes em projetos desse tipo. Os desembolsos anuais do Banco para exportações tiveram este desempenho: nós chegamos no ano passado a 6,5 bilhões de dólares, nesse ano acho que crescemos mais um pouco, a nossa expectativa é chegar, talvez, a uns 8 bilhões de dólares, uma parcela dessa exportação, nem tudo, efetivamente, na América Latina, há algumas exportações para África, que o Banco apóia também algumas obras de infra-estrutura em Angola, mas tem uma forte concentração na América Latina.

Essa é apenas a sistemática de financiamento, o Banco tem sido extremamente cuidadoso no apoio a projetos, sempre tendo certeza de que o importador aprova cada etapa do projeto, para evitar que nós não estejamos contribuindo, efetivamente, para que o bom projeto de infra-estrutura se estabeleça. Nós nos precavemos com várias auditorias, tanto do Brasil como auditorias do país onde a obra está sendo feita.

Apenas para mostrar a integração dentro do Brasil, a integração nossa doméstica, do BNDES com a CAMEX, que é um Conselho de Ministros de Estado. O BNDES não atua sozinho no apoio a projetos de infra-estrutura. Na verdade, essa decisão começa até, nem sempre, mas às vezes, começa no próprio Presidente da República, que toma uma decisão, ao visitar um país, de apoiar uma determinada obra, e aí os Comitês se reúnem e tomam as providências para que o financiamento do BNDES efetivamente se materialize.

Muito bem, estou quase chegando ao final e depois eu me coloco à disposição de vocês para perguntas, ponderações, observações ou críticas. No nosso entendimento, na nossa visão, o CCR é um instrumento absolutamente fundamental. Eu aprendi algo que, certamente, o Embaixador Régis conhece muito melhor que eu, mas eu aprendi que o CCR se inspira em um modelo de integração européia do pós-guerra, mas a verdade é que, até

onde eu consigo perceber, o CCR é quase um exemplo único no mundo, por isso é que me agrada tanto a concepção, o desenho conceitual do EEB, e o fato de que ele na prática efetivamente funciona. Então acho que isso, em um ano de crise como o período que nós estamos enfrentando, eu acho que teríamos duas obrigações, digamos, os membros desse grande colegiado que é a ALADI: continuar aperfeiçoando o CCR, difundir mais ainda o CCR e usar o CCR como um exemplo da nossa região para o mundo, porque é um instrumento, a meu ver, espetacular para mitigar risco e para, efetivamente, viabilizar a integração.

Não vou, como se diz, ensinar obviamente o padre nosso ao vigário, isso a minha equipe técnica tinha colocado, mas evidentemente vocês conhecem isso muito mais do que eu. Gostaria apenas de chamar a atenção de que a primeira operação do BNDES no âmbito do CCR deu-se em 1993.

Esse é um pouco do histórico que eu aprendi recentemente, eu também aprendi que o Raul Prebisch, um dos nossos grandes homens públicos deu uma contribuição como pensador ao CCR.

Do nosso ponto de vista, o histórico de pagamentos do CCR é extremamente positivo, nenhum registro de descumprimento ocorreu até hoje, mesmo durante o período de moratória da América Latina. Eu aprendi que em 99 o Equador renegociou seus débitos juntos aos credores do Clube de Paris, e isso não afetou os créditos dos CCR. A República Dominicana, igualmente, enfrentou dificuldades, e vários outros países. O Brasil enfrentou dificuldades. Enfim, todos nós enfrentamos dificuldades nos últimos vinte anos, e o CCR, desde seu nascimento, nunca deixou de ser, de uma forma ou de outra, honrado e cumprido. Isso é de uma valia, isso é de uma preciosidade espetacular.

Essas barras em azul são os apoios do BNDES no âmbito do CCR, e as barras vermelhas são apoios sem o CCR. Então isso mostra a dimensão e a importância do CCR para o BNDES, para o Brasil, como supridor de bens de capital e de engenharia para projetos na nossa América Latina.

De um total de 4,5 bilhões de dólares acumulados praticamente nos últimos 10 anos, 72% aconteceu, no âmbito do CCR, com Argentina, com a República Dominicana, com o Equador, com a Venezuela, com o Chile, são os cinco maiores, digamos, usuários de apoio do BNDES via CCR, Argentina, República Dominicana, Equador, Venezuela e Chile. Depois temos México, um pouco, Paraguai, Uruguai, Cuba, Cuba evidentemente fora do CCR.

Alguns exemplos de projetos que nós apoiamos: o Metrô de Caracas, a usina hidrelétrica do La Vueltoza, na Venezuela, na Colômbia, um projeto muito bonito chamado "Transmilênio", de transporte urbano, aviões para a empresa equatoriana, a hidrelétrica de San Francisco, no Equador, a ampliação do Metrô de Santiago, no Chile, um projeto urbano, também muito bonito, é o TranSantiago, na Argentina, apoiamos obras de saneamento, recentemente a ampliação de gasodutos que são obras muito grandes e muito custosas e fundamentais para o abastecimento de gás em Buenos Aires, sobretudo no inverno. Apoiamos em Montevideu projetos de distribuição de gás, aliás, estamos apoiando, nesse momento, um belo projeto de distribuição de gás em Montevideu e linhas de transmissão de Punta del Tigre.

Esses são os projetos, podemos ir um pouco mais para América Central, também, em Cuba, plantas farmacêuticas, vários projetos agrícolas, extração de níquel, um projeto

bonito de turismo em Cuba, a República Dominicana tem dois aquedutos, três hidrelétricas, e Honduras também centrais termoelétricas.

Esses são os projetos, nós temos hoje uma carteira de projetos muito grande, temos 77 projetos, totalizando, isso em estudo, sob análise no BNDES, projetos no valor global de 24 bilhões de dólares com financiamentos, podendo atingir 2,9 bilhões de dólares. Isso é o que nós temos em estudo hoje no BNDES: são projetos de transporte de energia, de infraestrutura urbana, de saneamento e outros projetos de diversos outros setores.

Nós consideramos que o CCR é fundamental para o financiamento de longo prazo, é fundamental nos projetos de infra-estrutura que precisam de *funding* de longo prazo. É um fator de integração, de desenvolvimento da América Latina, e é um elemento de política anticíclica no momento de crise, como esse, muito importante.

Ontem na nossa reunião, que eu considerei extremamente proveitosa, Embaixador, o sistema de *monedas locales* que já está funcionando entre Brasil e Argentina, eu vejo, o sistema de moedas locais em que nós podemos avançar, digamos, no risco tomado por empréstimos, enquanto avançamos na economia de divisas, pois o tema de moeda local, em última análise, proporciona economia de divisas, mas nós dependemos menos de dólares norte-americanos. No sistema de moedas locais de um lado e o CCR do outro, se nós trabalhamos bem, se nós formos criativos, sobretudo nesse momento de crise, acho que podemos dar um passo importantíssimo no crescimento econômico da nossa região e dar um belo exemplo para o mundo.

Obrigado.

PRESIDENTE. Gracias, no sé si todavía tendríamos 5' para alguna pregunta que se quisiera hacer al doctor Mariante.

SECRETARIO GENERAL. Señor Presidente, si no hay preguntas yo creo que cabe que agradezcamos muy especialmente al doctor Mariante por su exposición, realmente la misma complementa nuestro Seminario de ayer, usted nos ha dado datos que no hacen sino certificar que estamos por el camino correcto queriendo fortalecer al Convenio de Pagos y Créditos Recíprocos.

Vi con mucha atención la lista de países en proyectos que tienen ustedes de integración de América Latina, veo que falta uno, ya que, el BNDES fue el principal financiador de Itaipú, empresa binacional, no solamente financiaron a la empresa misma sino *empreiteiras* brasileñas, asociadas a *empreiteiras* paraguayas que es lo que hizo posible que hoy funcione, sin compromisos de bancos internacionales que no nos hubieran dado las condiciones y los volúmenes del financiamiento que recibimos. O sea, creo que tendría que agregar eso porque es uno de los ejemplos de integración efectiva y exitosa que hizo posible la mayor central hidroeléctrica con mayor producción de energía eléctrica del mundo. Así que no nos queda sino agradecerle su presencia, congratular que abran sus puertas para los demás países, que se instalen en Montevideo y que podamos trabajar juntos el Banco con la ALADI en algún proyecto para difundir y para colaborar juntos en el mismo empeño que tenemos en esta Casa de la Integración -como mencionaba el Embajador Regis- que es ésta donde hoy estamos. Muchas gracias.

PRESIDENTE. Muchas gracias, creo que este punto que levantó el Secretario General es importante como complementación.

Invito a los Representantes Permanente a tomarnos la foto oficial, lo más rápidamente posible, con los dos Expositores.

- Se registra la fotografía oficial.

1. Exposición de la señora Alicia Bárcena Ibarra, Secretaria Ejecutiva de la Comisión Económica para América Latina (CEPAL), sobre las acciones que ha emprendido la CEPAL para enfrentar la crisis económica internacional.

... Ofrecería entonces la palabra a la señora Alicia Bárcena Ibarra, que nos hablará de lo que yo llamé fuentes de inspiración nuestra de integración y de desarrollo de América Latina, pero antes, el Secretario General me solicita hacer uso de la palabra.

SECRETARIO GENERAL. Gracias Presidente, señora Secretaria Ejecutiva de la CEPAL, es para ALADI una real satisfacción recibirla hoy en la Secretaría General, ya que hemos buscado en nuestros archivos y nos encontramos con la sorpresa de que el último Secretario General de CEPAL que visitó la ALADI fue Gert Roshental, ya hace 20 años y con anterioridad Enrique Iglesias, entonces lo único que faltaba era que hubiera venido Raúl Prebisch, eso implica que estamos un poco lejanos los unos de los otros.

Aún cuando tenemos un Convenio de Cooperación que funciona entre nosotros, pero funciona muchas veces a través de otras agencias, principalmente de la UNCTAD e iniciativas propias nuestras, entre los dos cuando tenemos tanto en común lastimosamente no estamos realizando.

Tenemos la suerte que acá en el Comité, tiene usted un compatriota aladiano hoy pero cepalino, el Embajador Cassio Luiselli, quien mucho nos ha insistido siempre de la importante cooperación que pueden tener nuestras dos Instituciones.

Cuando pensamos en la realización de este Seminario que ser realizó ayer y que personal técnico suyo asistió, Cassio nos instó de manera muy insistente en que teníamos que invitar a la CEPAL, que viniera, la CEPAL estuvo presente, y lo que es más, usted hoy nos acompaña. Sabemos de su trayectoria, y de lo importante que es la CEPAL para América Latina.

Sabemos lo importante que es que una mujer presida hoy día CEPAL, en momentos en que las mujeres de manera creciente van ocupando cargos de responsabilidad, no sólo en nuestros países sino también en los organismos internacionales y sabemos que ello es saludable. Nosotros tenemos el placer acá en la ALADI de contar con dos Embajadoras, Embajadora de Colombia y Embajadora de Cuba, y muchas Alternas son también mujeres, creo que en la Secretaría hay más mujeres que hombres y esa es la razón por la cual funciona, entonces es para nosotros muy grato tenerla hoy, repito, es un peligro que ocupen todos los cargos.

- Hilaridad.

Increíblemente nuestra cúpula hoy somos tres hombres nada más y creo que eso es un error, seguramente ya lo vamos a corregir. Lo que quería decirle y volver a repetir es que nos sentimos muy gratos con su presencia y el gran interés que tenemos en escuchar cual es la visión hoy día de la CEPAL de los momentos que estamos viviendo nos servirá muchísimo, ya que nosotros tenemos por delante en una semana el Consejo de Ministros.

Consejo de Ministros que si todo sale como está programado renovará la agenda de la ALADI y a la vez se incorpora Panamá en un momento que, como usted bien sabe, muchos de nuestros Organismos están sufriendo el descreimiento o tienen diferencias, en ALADI sin embargo nos veremos con la satisfacción de contar con un nuevo miembro. Además un miembro como Panamá que ha hecho su trabajo muy bien últimamente, es decir que viene un país acompañado de una trayectoria en el campo económico muy interesante.

Entonces doctora Bárcena, es para nosotros le reitero, un gran placer que esté aquí y estamos para escucharla.

COMISION ECONOMICA PARA AMERICA LATINA (Alicia Bárcena Ibarra).
Muchísimas gracias y muy buenos días Embajador Hugo Saguier-Caballero, Embajador Regis Arslanian, querido Oscar Quina, queridos Embajadores, Cassio Luiselli te saludo con afecto.

Quisiera decirles que para la CEPAL es muy importante estrechar nuestras relaciones con la ALADI. Nosotros nos encontramos en un momento muy interesante en el cual hemos iniciado una reflexión de mediano y largo plazo, obviamente como organización económica y social de América Latina y el Caribe, tenemos la obligación de monitorear con bastante cercanía lo que está pasando en la crisis, pero todavía estamos mirando más allá de la coyuntura y creemos que uno de los instrumentos que ALADI ha desarrollado en su tiempo, en su historia que es este sistema de compensación de pagos y de compensación recíproca, nos parece que es un gran instrumento que deberemos trabajar ojala conjuntamente y que deberemos difundirlo también ante la región, creo que hace falta un conocimiento más preciso, creo que ustedes tuvieron ayer un Seminario para el cual efectivamente yo pedí que vinieran dos colaboradores de la CEPAL y también para ir explorando que podemos hacer conjuntamente y quiero decirles que de parte nuestra hay una voluntad total de hacerlo.

El día de hoy y por eso agradezco infinitamente la invitación que me hacen para contarles no necesariamente lo que está haciendo la CEPAL sino cómo está viendo la CEPAL el problema de la crisis y cómo están afectadas nuestras economías y qué es lo que vemos que está sucediendo, cómo están reaccionando los países frente a esta crisis y finalmente que podemos repensar y reflexionar conjuntamente más allá de esta coyuntura.

Entonces si ustedes me permiten yo abordaría cinco temas*, uno es cuáles son las características más importantes de la crisis actual, cómo nos está afectando, qué capacidad real está presente en la región para enfrentarla y cuáles son aquellas respuestas que se han dado hasta la fecha y algunas reflexiones sobre la coyuntura.

Yo vengo llegando de la Cumbre de las Américas y quizás al final pueda compartir con ustedes alguna de las reflexiones que emanan de esta Cumbre que se celebró este fin de semana pasado.

Entonces en términos de la característica de la crisis, y creo que eso bueno, muchos lo han abordado, así es que no me voy a detener mucho en ello, pero está claro que estamos ante una crisis que quizás su alcance y profundidad sólo se compara con la de los años 30 y que comenzó obviamente en el sistema financiero norteamericano y se propaga pues a otras latitudes y sectores, pero lo más sobresaliente de esto quizás es que la crisis

* Se anexa presentación en powerpoint

realmente comenzó en el 20% del crédito hipotecario de Estados Unidos y donde comenzó la crisis fue en ese sector que representa el 20% del mercado hipotecario de Estados Unidos, estamos hablando de un valor aproximado de 300 millones de dólares, que era *subprime*, fue el que genera toda esta debacle, claro a partir de ahí es donde se habían hecho esas enormes innovaciones financieras que nos llevaron a esto.

Esto por supuesto comienza igual que en los 30 con una explosión de la burbuja de precios de activos y un problema de solvencia del sistema, sin embargo hoy la magnitud es mucho mayor porque el grado también de interconexión de las entidades financieras es más profundo y porque hay un grado de opacidad, poca transparencia que en realidad caracteriza realmente el problema central.

Creo que el gran dilema, digamos el punto de inflexión que fue la caída de Lehman Brothers, es porque en realidad la comunidad internacional tiene esa gran disyuntiva entre si prioriza el riesgo moral o el riesgo sistémico y esa duda que le viene al sistema Norteamericano y que decide en un momento dado priorizar el problema moral y no el sistémico hace que Lehman Brothers caiga y por lo tanto eso se vuelve en un tremendo punto de inflexión como lo vemos en el gráfico en donde setiembre del 2008 es quizás marcado como el gran momento en el cual se inicia una gran debacle.

Entonces obviamente esta crisis que se traslada muy rápidamente, en un principio se pensó que la crisis iba a quedar en cierta medida restringida al sistema financiero, y se va a sector real y se produce yo diría, la más grande destrucción de riqueza en gran medida se calcula en un 25% del stock mundial, un aumento en la incertidumbre, algo que mi colega del BNDES ha hablado y esta incertidumbre se traduce quizás en la crisis de confianza más grande que ha tenido el mundo entero y por lo tanto la restricción crediticia. Confianza y crédito son sinónimos prácticamente si hay confianza y crédito y si no la hay, hay una enorme restricción.

Hay una parte muy delicada que es la restricción del crédito y la liquidez y eso es lo que hace y quiero decir, quiero hacer énfasis aquí, en que este instrumento del Convenio de Pagos y Créditos Recíprocos hoy por hoy pueden ser muy oportunos, porque justamente surgieron en su historia, en 1965, también a partir de una crisis de liquidez y creo que esa situación se repite hoy que es quizás la variable más escasa.

Obviamente lo que más preocupa es la destrucción de puestos de trabajo y el aumento del desempleo. Entonces hoy por hoy ya no estamos frente a un tema solo de rescate de bancos, sino de rescate de la economía entera, que ese es en realidad el gran problema que estamos enfrentando en el mundo entero, es decir si fuera solamente el rescate de algunos bancos, entonces estaríamos hablando de que la crisis es exclusivamente financiera y está restringida a algunos lugares geográficos, pero no es así y entonces este aumento... y fíjense ustedes que quizás estamos en la historia en el aumento de liquidez más grande que vamos a vivir en una generación.

El momento como lo estamos viendo hoy sobre todo después de la Reunión del G20 donde los países desarrollados, los países en vías de desarrollo ponen a disposición enormes cantidades, las economías emergentes de liquidez, eso es algo que quizás no se va a volver a vivir en la historia, pero sin embargo este aumento de liquidez, de voluntad de Estados Unidos, de Europa, etcétera, no se ha traducido necesariamente en un aumento de crédito al sector privado, por qué? porque sigue habiendo una desconfianza tan grande que los que están recibiendo la liquidez prefieren ahorrarla, quedarse con ella.

Obviamente hay una pérdida de capital en los bancos que obliga a recomponer esta relación capital-activos, una enorme incertidumbre en términos de solvencia y bueno tenemos lo que nosotros en CEPAL llamamos el caso keynesiano perfecto, en donde la demanda es casi infinita de liquidez y donde hay una demanda de bienes muy poco sensibles a las tasas de interés, porque efectivamente los países han reaccionado, como vamos a ver más adelante, fundamentalmente moviendo las tasas de interés y sin embargo estas acciones no han tenido el efecto deseado.

Por lo tanto se ve que una de las acciones a tomar por parte de todos es aumentar el déficit fiscal para estimular la demanda, pero incluso el gran aumento de estímulo de la demanda no tendrá gran sentido si no se revierte esta tendencia de apalancamiento en el impulso financiero.

Entonces rápidamente la CEPAL ha analizado cuáles son los canales de transmisión de la crisis y vemos, fíjense ustedes que nosotros venimos saliendo de una bonanza económica, entonces en América Latina se habían dado elementos muy favorables en relación al crecimiento por lo menos entre el 2003 y 2008, la región por lo menos en promedio venía creciendo al menos un 5%, 3% del producto interno bruto per cápita, quizás un crecimiento que no se había alcanzado desde hace 40 años y también habíamos logrado que gracias a que los términos de intercambio, los precios de los bienes primarios eran positivos para la región, se habían logrado términos de intercambios positivos, es decir la región venía saliendo de una situación de lo que se llamó la bonanza económica.

Hay cinco áreas donde esta crisis le ha afectado a la región y no a todos por igual, eso hay que decirlo pues con mucha claridad, porque los promedios esconden realidades muy diversas, no ha sido lo mismo el impacto a México y Centroamérica que al Caribe y que a Sudamérica y aún en estas subregiones también hay enormes diferencias.

Pero en primer lugar la caída de la demanda, la desaceleración de exportaciones que es muy fuerte, realmente muy importante esta desaceleración de exportaciones a nivel mundial y también en la región. Hay una caída de los precios de los bienes primarios, vamos a ver más adelante, una reducción de las remesas, esto afecta fundamentalmente a Centroamérica, México y al Caribe. Menores ingresos por el turismo, eso le afecta brutalmente al Caribe y una disminución de los flujos de inversión extranjera. Aunque aquí en la inversión extranjera nosotros hemos visto en el informe que acabamos de terminar sobre inversión extranjera que en realidad la inversión extranjera cayó a nivel mundial en un 21% en el 2008, en tanto que en América Latina no cayó si no que aumentó en el 2008 a 8%, jalonado fundamentalmente por Brasil, sin duda y por Sudamérica realmente.

Los países perdedores en inversión extranjera son definitivamente México, los ganadores son Colombia y Brasil fundamentalmente, pero entonces esto por qué se los digo, porque en realidad la región venía bien y de pronto esto es como un avión en donde la crisis le pega y al avión se le empiezan a apagar sus motores de a poco y el avión latinoamericano empieza a planear. Lo cual quiere decir que la crisis en realidad, así es, tiene dos razones, digamos porque la región estaba mejor preparada pero no inmune y segundo que en realidad más que un efecto de desacople como mucha gente quiso intentar analizarlo así, es un efecto de dilación, o sea nos está llegando un poquito más tarde pero nos está llegando.

Vemos, por ejemplo, el precio de los productos básicos cómo ha caído, ustedes ven ahí el precio de los alimentos, la línea verde nos refleja el precio de los alimentos como realmente tuvo un alza muy fuerte a mediados del año pasado y cae, pero fíjense ustedes que no cae a los niveles anteriores este factor histéresis, de que de alguna forma la

demanda externa sigue presionando para que los precios aumenten aunque sea un poco más de su nivel anterior.

Este es el reflejo de los minerales de los cuáles la región se benefició mucho, especialmente Sudamérica nuevamente, y bueno los países productores de petróleo pero también los que exportan minería, fundamentalmente los países andinos, entonces obviamente los precios del petróleo aumentaron muchísimo, ustedes recordarán que llegó a tener 180 dólares por barril, ahora estamos en 45, ha estado oscilando en el último mes entre 45 y 50 y por lo tanto también el precio del petróleo está un poco más alto que antes pero no tanto como estuvo quizás a principios del año pasado. Y este es el precio fundamentalmente del petróleo sólo, la línea roja son los minerales, y la línea azul es el petróleo solo que es la caída más importante.

Nosotros vemos que estos precios favorables hicieron que los términos de intercambio en el 2008 fueran positivos prácticamente para toda la región, aumentaron en el 2008 los precios que son las barras azules, todavía fueron en términos promedio términos positivos, 0.9% para el promedio de la región.

En los países del MERCOSUR el aumento fue del 2.7% mientras que los exportadores de combustibles prácticamente el 13% que son fundamentalmente Chile y Perú que es la barra azul más alta. Sin embargo y vemos que donde caen los términos de intercambio aún en el 2008, es en Centroamérica que es prácticamente la penúltima barra azul hacia la derecha y desde luego tenemos México, que lo que lo salva prácticamente es la exportación petrolera. Pero en el 2009 fíjense ustedes el gran deterioro de los precios de intercambio se refleja en las barras rojas que es donde realmente se ve una caída muy fuerte en la balanza de estos precios que antes nos habían beneficiado tanto.

Obviamente aquí nosotros analizamos que no todas las economías está expuestas de la misma manera, esto es una cosa que intentamos reflejar en la CEPAL para ver cuál es el grado de exposición externa de los componentes de la demanda en porcentaje de PIB y vemos que hay economías como Panamá, Honduras, Paraguay, Ecuador, Chile, en fin las de la barra verde que son las economías más expuestas en lo que se refiere a exportaciones, son aquellas economías muy dependientes de las exportaciones y por lo tanto la barra verde nos refleja un poco el nivel de vulnerabilidad que tiene ese sector.

La barra roja nos habla del consumo privado y fundamentalmente se refiere a remesas y aquí vemos que países como Honduras, Nicaragua, por supuesto Haití que es quizás el más vulnerable en lo que se refiere a remesas y por supuesto tenemos otras economías también muy dependientes como El Salvador, porque el porcentaje de las remesas, por ejemplo en El Salvador es prácticamente el 20% de su producto interno bruto. No es el caso de México en términos de PIB pero sí en términos absolutos, porque por ejemplo las remesas en México cayeron aproximadamente un 12%, México había recibido en 2007 alrededor de 27 millones de dólares, pues una caída del 12% es una caída muy importante.

Aquí tenemos el consumo público, es decir la inversión pública que tan sensible es a este tema y por último el tema de la inversión, como estos países son bastante sensibles a la inversión y lo que se mide aquí no es tanto que es lo que se ha afectado, aquí no estamos midiendo eso, lo que estamos midiendo es qué tan dependientes son estas economías de estos cuatro factores, es decir el factor exportación del consumo privado, el consumo público y de las inversiones. Entonces, obviamente no todas las economías como vimos están expuestas.

Ha habido en el canal financiero un efecto muy fuerte en el aumento del costo del crédito y en la disponibilidad del financiamiento internacional. Vale la pena mencionar que por ejemplo, en nuestra región ya simplemente la percepción del riesgo sobre las economías emergentes simplemente por el hecho de haber estallado la crisis ya el riesgo, el EMBI medido en América Latina aumenta muchísimo, quizás no a los niveles anteriores, pero ya por tratarse de economías emergentes simplemente ir hacia fuera a buscar crédito externo ya nos va a costar más caro porque nuestro riesgo aumentó de manera tal... y eso tiene que ver con las calificadoras de riesgo que ese es uno de los grandes problemas y grandes quejas que tienen nuestros países, que por qué las calificadoras de riesgo en cuanto estalla una crisis de esta naturaleza inmediatamente nos castigan a las economías latinoamericanas.

Pero fíjense ustedes una cosa muy interesante que quiero mostrarles aquí, es que hay dos razones por las cuales ustedes escucharon seguramente en muchas partes que se decía que América Latina estaba mejor preparada, y yo diría dos razones bastante únicas en la historia de nuestra región.

Uno es que la deuda pública bajó de manera muy importante en la región. Lo vamos a ver un poco más adelante, la deuda pública es la barra verde y esta deuda pública externa aquí simplemente estamos reflejando cómo bajó la deuda pública entre 2006 y 2008. Después vamos a ver los promedios entre 2003 y 2009. La deuda pública en América Latina bajó del 24% del PIB al 8% en el 2009, la deuda pública y esas son las barras verdes, cada país tuvo obviamente una reacción distinta.

Pero aquí lo más importante es que el sector más expuesto es el sector privado, es decir realmente las empresas son las que tienen mucho más problemas porque son las más endeudadas, un poco lo que decía el colega del BNDES que la economía estaba más en manos privadas que públicas y eso es así, es decir de tal forma que el sector más endeudado, el más sensible, el más vulnerable externamente es el sector privado.

Entonces nosotros para el 2009, la CEPAL, obviamente habíamos hecho alguna estimación de crecimiento a finales del año pasado siempre y cuando las economías se recuperaran en este año, pero vemos que la recuperación es mucho más lenta sobre todo en Estados Unidos que apenas están anunciando los paquetes que todavía se observa un viento optimista, yo diría un optimismo homeopático, es decir es un optimismo de a poquito, entonces hay un cierto optimismo homeopático en las economías desarrolladas pero eso para nuestra región implica que por lo menos nuestras previsiones de crecimiento son mucho más pesimistas que lo que eran el año pasado y nosotros estamos estimando que la región este año no va a crecer sino que va a irse a crecimiento negativo de menos 0.3% y fundamentalmente porque hay dos economías que van a crecer negativamente que es Brasil y México y por lo tanto, bueno obviamente pesan mucho estas economías en los promedios regionales. Ustedes ven que hay otras economías que la van a librar digamos en términos de crecimiento, si no va a ser negativo, por ejemplo en el caso de Chile, nosotros estimamos que el crecimiento va a ser 0, pero bueno esto ha ido cambiando.

Estas predicciones nosotros la estamos haciendo en función del comportamiento de este primer trimestre de la economía y obviamente de lo que pasó en el último cuatrimestre del 2008, ahora que es lo que más digamos, a la región le preocupa perder, nosotros hemos hecho un análisis de que los niveles de recuperación económica que tuvimos antes de los 80, antes de la década perdida nos tardamos 12 años en recuperar los niveles de crecimiento económico para llegar a niveles positivos, como por ejemplo del 4 ó 5%, sin embargo en materia social nos tardamos el doble 24 años, es decir para alcanzar los niveles de pobreza que teníamos antes de los 80, no hemos tardado 24 años, entonces

siempre lo social se tarda el doble y eso es lo que los países están preocupados porque fíjense ustedes esa es una gráfica de desempleo o de empleo.

Nosotros entre el 2003 y el 2007, 2008, prácticamente logramos disminuir el desempleo del 11% que es la raya roja al 7.5% hasta el 2008. Pero fíjense como estamos estimando ya el deterioro del desempleo en casi un punto porcentual y un punto porcentual de desempleo en América Latina implica 37 millones de desempleos y la barra azul refleja como fuimos avanzando en la tasa de empleo. Empleo formal, porque el empleo que se logró en estos últimos años fue un empleo asalariado, un empleo formal, la pérdida de empleo para América Latina es muy grave con la excepción de Uruguay que es el único país que tiene seguro de desempleo es que la gente no solamente pierde el empleo, sino que pierde el acceso a la seguridad social, a la educación a todos los beneficios porque estamos demasiado atados en nuestra sociedad que el empleo es el que da las garantías y el ser ciudadano, que esa es una gran diferencia que creo que hay que relevar aquí.

En términos de pérdida social, no traigo la gráfica pero la tengo si alguno le interesa, entre el 2003 y el 2008 la región avanzó 10% de pobreza, es decir de 44% a 34%, le bajamos a la pobreza 10 puntos y a la pobreza extrema 7 puntos, de 19% a 12% que quiere decir que logramos sacar a gente de la pobreza, pero no logramos vencer el gran lastre de la desigualdad eso sí hay que decirlo, seguimos siendo el Continente no más pobre pero sí el más desigual.

Ahora en términos de pobreza esto es muy grave porque la gente que salió de la pobreza, pues francamente hoy no quiere volver a la pobreza y eso es lo que realmente alarma que puede haber un tema social muy preocupante, que eso se abordó por cierto en la Cumbre de las Américas, si la región hizo esfuerzos muy fuertes para sacar, estamos hablando de 10 puntos, prácticamente 70 millones de personas que lograron moverse de la línea de pobreza extrema por lo menos unos puntos hacia arriba, entonces cómo hacemos para proteger ese capital.

También es cierto que nuestros países invirtieron mucho en los programas denominados de transferencias condicionadas o sea Familias en Acción en Colombia, oportunidades en México, Bolsa Family en Brasil, etcétera, que son programas muy importantes que apoyaron mucho el ingreso de las familias más pobres. Pero el gran tema pendiente en América Latina no es tanto que continuemos siendo asistencialistas sino también cómo logramos sacar a la gente de la pobreza a partir de la productividad y no solamente de las transferencias sociales.

Ahora qué capacidad tiene nuestra región para enfrentar la crisis actual? porque muy bien que se anuncien paquetes de estímulo fiscal, pero cual es el margen de maniobra real de los países de la región, cuántos tienen de verdad espacio para llevar adelante esto, bueno entonces un poco lo que decíamos que en términos de stocks la región sí está mejor preparada, no cabe duda de que hay reservas internacionales importantes como yo les decía, el aumento de las reservas en la región es sin duda fundamental. Tenemos en gran medida en la región un promedio yo diría un 15% del PIB de reservas que quiere decir aproximadamente 500 millones de dólares de reservas internacionales.

Los países que más reservas tienen obviamente es, en relación al PIB, curiosamente es Bolivia, fíjense ustedes, Perú, Paraguay, Honduras, Nicaragua, Argentina y Brasil que son países que lograron ahorrar con respecto a su producto interno bruto, entonces hay países que han aprovechado y tienen estos stocks de reservas y también como decíamos el haber disminuido la deuda pública, es también un activo muy importante, en la barra azul se ve el 2003 donde estaba la deuda pública y en la barra roja es como los países lograron

acortar, pagar su deuda externa o bien repactarla en moneda nacional en términos más favorables, esto es donde les decía yo que pasamos del 24% al 8% de deuda pública.

Entonces sí es cierto estamos mejor preparados en términos de stocks y por lo tanto hay espacio para el endeudamiento, pero realmente con la expectativa y la esperanza de que la región no se vuelva a endeudar a los niveles que llegó en los 80, pero sí efectivamente hay un cierto espacio para el endeudamiento y de alguna forma, fíjense que aquí en la Cumbre de las Américas hubo para mi manera de ver, dos elementos que estuvieron presentes en todos los discursos de los Presidentes y uno fue el hecho político de expresar preocupación de que los Acuerdos del G20 tomados de 1.1 miles de millones de dólares para la Comunidad Internacional y el Fondo Monetario, banca multilateral, facilitación del comercio, no vaya a ser estos fondos, esta liquidez, se vaya a Europa del Este o se vaya a Asia y que América Latina no aparezca en la escena, ese fue un clamor de todos al decir bueno si se le está dando al Fondo Monetario Internacional una liquidez para que alcance los 750 millones de dólares y a la facilitación del comercio 250 mil que América Latina no se quede fuera.

Y segundo en ese no se quede afuera, la petición específica de recapitalizar o de ampliar capital al Banco Interamericano de Desarrollo y por ende también a los bancos regionales, pero básicamente al Banco Interamericano de Desarrollo hay una petición expresa de todos los países de realmente lograr la ampliación de capitales.

Uno de los aspectos que quería yo relevar en el día de hoy es que -y lamento que mi colega del BNDES no esté, porque eso discutimos la semana pasada con el Presidente del BNDES- realmente los sistemas financieros en América Latina no están tan expuestos como otras regiones, es decir hubo más disciplina en el manejo del sistema financiero en América Latina, un poco lo que le pasó a Canadá también, o sea nuestros sistemas financieros estaban regulados, había mecanismos de supervisión, mecanismos de regulación que hicieron que nuestros sistemas financieros no estuvieran tan expuestos. Si ustedes ven por ejemplo Europa, Europa del Este que es la primera barra roja es la más expuesta y Asia-Pacífico es el segundo lugar.

Los dos países más expuestos en América Latina, es Brasil y Chile, pero básicamente porque su cartera está expuesta en términos de que es dependiente del exterior, pero no necesariamente porque sus sistemas no estuvieran bien regulados ni bien manejados, pero general digamos francamente el grado de exposición del sistema financiero latinoamericano también ayuda, entonces ya dijimos que preservan el bajo endeudamiento y en cierta medida el sistema financiero es más sano que en otras regiones hace que la región tenga mejores elementos.

Pero fíjense cómo se deterioró la situación tan rápido en realidad, nosotros por un lado estamos viendo el resultado fiscal global y por otro lado estamos viendo la cuenta corriente, es lo que llamamos los indicadores gemelos en cierta medida que ayudan a ver si las economías van bien o no van bien. Íbamos muy bien porque prácticamente había muchas economías en el cuadrante virtuoso que es el cuadrante superior derecho y las economías hacia allá deben tender porque queremos tener más superávit fiscal y mejores cuentas en relación a cuenta corriente, entonces no íbamos mal y curiosamente ustedes ven ahí a Bolivia, Venezuela, Chile, Argentina, Ecuador, Perú, Paraguay y el promedio de la región iba hacia allá, bueno esto era hasta el 2007.

Tomen en cuenta donde estábamos en el 2008, empieza a poblarse el cuadrante más peligroso que es el cuadrante inferior izquierdo y en el 2009 ya estamos prácticamente todos tendiendo hacia el cuadrante menos propicio en lo que se refiere a cuenta corriente y

a déficit fiscal y ya vamos rápidamente yendo hacia déficit fiscal y hacia déficit de cuenta corriente.

Qué están haciendo los países? Y espero con eso concluir para abrir un poco al debate si ustedes así lo desean, fíjense que nosotros hicimos un documento que está a su disposición en donde preparamos una matriz comparada de todos los países incluyendo Estados Unidos y Canadá donde vemos qué han hecho los países hasta el 31 de marzo, no tengo que han hecho sino que han anunciado, que han hecho todavía no sabemos, digo algunas cosas sí ya han tenido un efecto muy rápido, pero en realidad hemos colocado en esta matriz todos los anuncios que los países han hecho en los siguientes temas: el tema número uno es el tema monetario, que es la barra verde que ahí ustedes pueden ver cuántos países han respondido, prácticamente 13 de las economías de América Latina y el Caribe han tomado iniciativas muy importantes en el ámbito monetario y si en esa matriz usted ven lo que ha hecho Estados Unidos, prácticamente ha tomado medida monetarias, la mayor parte de las medidas que ha tomado Estados Unidos son de carácter monetario y fundamentalmente en América Latina los instrumentos monetarios pues son mucho más limitados porque en realidad somos economías escasamente monetizadas y algunas dolarizadas inclusive.

Entonces es poco lo que nuestros países pueden hacer, pero sin duda ha habido realmente acciones importantes sobre todo la baja en la tasa de interés y obviamente el tipo de cambio que son los dos grandes elementos que han estado detrás. Obviamente hay países que han quitado los encajes bancarios al ingreso de ciertos capitales en fin, ustedes lo pueden ver al detalle en la matriz.

La segunda columna no refleja con mucha claridad el tema que ha sido más fuerte en la región que es el tema de la política fiscal. La mayoría de los países han tomado acciones en política fiscal en todos los niveles uno es en influir en la política de impuestos o subsidios, es decir han anunciado impuestos temporales o subsidios a por ejemplo, sectores de la exportación o incluso, sobre todo aquellos sectores que están involucrados en comercio y ahí vienen detalladas las medidas que se han tomado en esta matriz.

Voy a poner un ejemplo, en Brasil que fue muy importante el hecho de que Brasil anunció un estímulo para los compradores de automóviles y les redujo el impuesto de 7% a 0%, bueno eso es importantísimo para la industria automotriz de Brasil que venía cayendo en caída libre y de pronto al anuncio de esta medida y a la implementación de la medida la industria automotriz vuelve a repuntar e incluso las casas de la industria automotriz que están en Brasil están mucho mejor que en sus casas matrices o sea la Nissan, la Volkswagen, etcétera, están mucho mejor en Brasil que en Europa o en Japón. Esa fue una medida muy concreta que tomó Brasil y que estimuló inmediatamente a una industria muy importante.

En la columna roja, en la segunda ahí hablamos más que nada de lo que los países han anunciado en relación a los paquetes de estímulo fiscal en donde fundamentalmente han hecho anuncios muy importantes de infraestructura. La mayoría de los países han hecho anuncios muy fuertes de paquetes de infraestructura, el pack brasileño, el paquete de estímulo fiscal de México, el de Chile, ahora vamos a ver lo que representan en términos del PIB, porque ahí tenemos un cálculo de cuánto impacta esta movilización de recursos hacia el sector infraestructura es muy importante.

Pero, a qué se están enfrentando nuestros países? bueno pues al que le resulta que la capacidad para hacer proyectos se desmanteló en el tiempo, o sea el único o posiblemente dos bancos de desarrollo que siguen en la región es el BNDES mismo, en México se

desmanteló y bueno ahora se está tratando de fortalecer NAFINSA, en Chile está la CORFO, pero en general en la región se desmantelaron los sistemas de planificación, los sistemas de infraestructura, los sistemas de proyectos, entonces ahora a pesar de que hay un gran estímulo fiscal lo que está adoleciendo esta región es de proyectos, donde invertimos, a donde les metemos y eso hace que posiblemente muchos de esos proyectos puedan demorar uno o dos años, pero ahora hay obviamente algunos países que están invirtiendo fuertemente en viviendas, en hospitales en cosas de corto plazo.

El azul que yo creo que es el más importante para este lugar que estamos hoy día, se refiere a las políticas comerciales y ahí vemos que ha habido aumentos en algunos aranceles de la región y digamos hay temor a que esté de vuelta el proteccionismo, o sea que esté de vuelta en el mundo entero, fíjense ustedes que en el G20 el Banco Mundial acaba de sacar un artículo muy interesante donde dice que obviamente todos los países del G20 llamaron a que no haya proteccionismo y no sé que más, pues de los 20 que estaban allí sentados 17 han tomado medidas proteccionistas, o sea hay un poco de distancia entre la retórica y la realidad.

Ahora obviamente este proteccionismo está dentro de los límites que permite la Ronda de Doha, la inconclusa Ronda de Doha además, en donde salimos perdiendo muchas economías que nos abrimos en el tiempo y que aquellas que se habían comprometido a bajar definitivamente sus aranceles como era Estados Unidos que iba a bajar sus aranceles al 70% en el 2013 y Europa al 54% en el 2013, ellos dicen que si no concluye la Ronda de Doha no importa, pero a nuestras economías sí le importa porque resulta que esos aranceles que se iban en cierta medida ya de una vez por todas a quitar al 2013 eran aranceles muy importantes para las industrias, por ejemplo, latinoamericanas.

Por último quisiera mencionar en las barras anaranjadas y rosas son medidas de carácter sectorial y social, ahí es donde los países están tratando de mantener, por ejemplo en las barras rosas se habla de dónde se está invirtiendo; en vivienda social, en seguridad social, en fin, en temas que puedan ser útiles para los sectores más vulnerables y también hay medidas muy interesantes en el sector agropecuario que yo creo que para esta región de Uruguay, Argentina, Brasil y la Comunidad Andina son los países que más han tomado medidas para proteger el sector agropecuario.

En el área social, que es la amarilla es donde habla de cómo seguir manteniendo la inversión en los programas sociales. Este es el impacto de las medidas que como yo les decía es muy disímil pero vean ustedes por ejemplo Argentina, prácticamente de su gasto público es el 5.7% lo que se está gastando en inversión pública, vemos Colombia 4.2, aunque el Presidente de Colombia dice yo no voy a anunciar ningún paquete específico de estímulo ni de respuesta a la crisis, sino que voy a seguir haciendo lo que venía haciendo es más no voy a acortar nada, pero aún así representa el 4.2% de su gasto público, Perú, 2.4%, Chile, 2.2% y el promedio de la región es de 1.4%, entonces les digo es una movilización de recursos muy importante y muy fuerte a una región que está ávida y con un gran déficit en lo que se refiere a infraestructura.

Cuáles son las lecciones aprendidas? en primer lugar esto de evitar el proteccionismo, pero no solamente el comercial, fíjense que quizás lo más delicado puede ser el nacionalismo financiero, es decir el hecho de que la banca internacional quiera traer de regreso a sus casas matrices los ahorros que se hagan externamente, entonces eso se ha llamado el nacionalismo financiero que es una de las cosas que puede ocurrir y es preocupante.

Que las medidas que se tomen no aumenten la inequidad, que yo creo que ese es un gran tema que a veces cuando se anuncian impuestos o subsidios de carácter generalizado, a veces no necesariamente son focalizados suficientemente a las poblaciones más vulnerables y como se mantenga el capital humano a través de estos programas que yo les decía, concentrar la inversión en infraestructura productiva y social y evaluar la aplicación del *green deal*, esto es que tanto de nuestras economías nos vamos a ir hacia economías bajas en carbono, esto por ejemplo Obama de los 700.000 u 800.000 millones de dólares que ha anunciado él está diciendo que 100.000 de esos 800.000 va a ser aplicado en tecnologías bajas en carbón, ya sea eficiencia energética y en la Cumbre de las Américas este fue uno de los grandes temas que anunció Obama y que anunciaron todos los países de hacer una asociación energética y del cambio climático para reducir estos temas.

Creo que me debo detener aquí, aunque solamente quisiera quizás tocar el tema que nos ocupa y por las razones que yo considero mi venida a la ALADI muy importante y quiero decírselos así con mucho cariño y con mucho afecto, creo que ALADI es para la CEPAL una Institución con la cual nos interesa trabajar porque nosotros pensamos que una de las salidas más importantes de la crisis va a venir por el lado del comercio intrarregional, de la integración que son los que nos pueden dar para proteger nuestra inversión, para proteger nuestro crédito, para proteger nuestra productividad y no estoy hablando de un proteccionismo, porque la gente podría decir, estás hablando de proteger la región, bueno en cierta medida sí como dijo el Presidente de México en la Cumbre de las Américas. Él dijo bueno que los asiáticos capitalicen su banco asiático, nosotros dediquémoslo a nuestro banco, pues tiene razón, es decir, creo que llegó la hora de que nuestra región mire a la región y desde la región se integre con mayor eficacia.

Nosotros no queremos ya más comercio con pobreza, queremos comercio con equidad, queremos integración, hemos hecho análisis en la CEPAL y creo que los podemos compartir quizás en algún seminario futuro de cómo el comercio intrarregional, por ejemplo en Centroamérica, el peso del comercio intrarregional en la región es de 30%, quitando la maquila y Centroamérica es una subregión que aprendió rápidamente que el comercio intrarregional es bueno, le da mayor agregado a los productos y puede ser una alternativa muy importante para el futuro de nuestra región.

En la CEPAL nosotros estamos en eso, estamos pensando que hay que hacer más allá de la crisis, que paradigma debemos revisar, qué no nos gusta, pues no nos gusta que la inversión extranjera se concentre en algunos países y que sea muy extractiva de recursos naturales y que no estemos pensando a futuro. Tuvimos una reunión con Corea, los coreanos me dicen, mira, nosotros salimos de la pobreza gracias a la industria automotriz y bueno ahora Corea dice en 40 o 20 años nosotros queremos ser un país líder en materia de tecnología de desarrollo sostenible ambiental y energético, eso es lo que va a ser nuestro futuro y nosotros región latinoamericana y caribeña cuál es nuestro futuro? Cuál es nuestra fuerza? Cuáles son nuestras ventajas comparativas? Por qué no nos vamos más allá del día a día y eso es lo que yo invito a la ALADI que hagamos conjuntamente con la CEPAL. Muchas gracias.

PRESIDENTE. Muchas gracias a usted doctora Alicia Bárcena, yo creo que como usted misma lo dijo su venida aquí ha sido muy importante, y para nosotros también, creo que usted nos dio un cuadro muy claro, muy preciso de cómo la crisis ha afectado nuestra región y más que eso yo creo que usted nos ha dado informaciones y datos que son muy poco convencionales, bien al estilo cepalino.

Si yo pudiera sacar una conclusión, nos demostró realmente que a pesar de todos los problemas que tenemos como países en desarrollo supimos mal o bien hacer nuestro deber de casa. Lo hicimos no? Con más disciplina, en la parte financiera, monetaria, que quizás mucho de los países desarrollados y este deber de casa lo debemos mucho al papel del Estado, el rol de los Estados entre nosotros tuvo una importancia muy grande.

Creo que decir eso para nosotros que como dije al principio, somos una Casa de Integración nos ayuda muchísimo en nuestro trabajo, ayer mismo como usted lo sabe tuvimos un Seminario sobre el Convenio de Pagos y Créditos Recíprocos y sobre el Uso de Monedas Locales, como se dijo aquí y el objetivo principal fue justamente cómo poder enfrentar la crisis, cómo poder mitigar los efectos de esta crisis y como dijo el Secretario General, la semana próxima tenemos la expectativa de aprobar Proyectos de Resolución importantes en la parte económica, en la social, en la comercial, que nos ayudarán mucho a todos nosotros en la región, en Latinoamérica a no solamente enfrentar la crisis como también hacer con que haya un desarrollo mayor en nuestra región.

Muy importante su intervención, le agradecemos mucho por su presencia aquí. No sé si el Secretario General quiere hacer uso de la palabra? Le ofrezco la palabra.

SECRETARIO GENERAL. Gracias Presidente, si pudiéramos calificar su exposición y fuéramos una Mesa examinadora creo que usted recibiría unánimemente un brillante, estamos realmente muy contentos de haberla escuchado y aprendimos mucho esta mañana.

La Secretaría General tiene una medalla para recordar la presencia de visitantes ilustres como usted, la hemos implantado el año pasado y las tienen Enrique Iglesias, Enrique García –los dos Enrique- y también José Miguel Insulza, ahora nos corresponde entregársela a usted y queremos que lleve como un recuerdo de su presencia en la ALADI, le pido al Presidente del Comité de Representantes que se la entregue.

- El Presidente del Comité de Representantes y el Secretario General hacen entrega de la medalla recordatoria.

- Aplausos.

COMISION ECONOMICA PARA AMÉRICA LATINA (Alicia Bárcena Ibarra). - Bueno esto sí que fue una sorpresa gratísima, yo quiero decirles que esto tendrá un lugar en la CEPAL a partir de mi vuelta a Santiago, pero sí quisiera invitarlos a que juntos pensemos qué podemos hacer para proponer cosas innovadoras y les propongo a ustedes Secretario, Presidente y a todos ustedes que quizás muy pronto podamos hacer una reflexión sobre el papel del Estado, yo creo que tenemos que revisar el papel del Estado del Siglo XXI, nosotros lo estamos haciendo, no en materia política porque no nos corresponde pero sí en materia económica, sí en materia social y sí en ese curso hacia una nueva economía que yo creo que se viene fuertemente y que nos está llevando, quizás, al mayor cambio transformacional que la estructura productiva va a venir por el lado más inesperado que va a ser el tema del cambio climático.

Entonces creo que con ALADI deberíamos sentarnos a conversar cómo podemos ayudar concretamente, cómo ha evolucionado el Convenio de Pagos y Créditos Recíprocos, cómo realmente lo podemos transformar, potenciar y que cuenten con nosotros para esa tarea. Muchísimas gracias y me siento muy honrada de verdad por este reconocimiento.

PRESIDENTE. Muchas gracias a la Secretaria Ejecutiva de la CEPAL, creo que son grandes ideas y las grandes ideas tienen que ser pensadas y reflexionadas como usted dijo, es una muy buena idea y podemos hacerlo cuando usted regrese aquí a Montevideo, nos avisa, gracias.

Se levanta la sesión.
